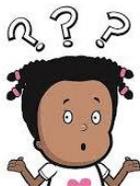


Mensagem ao Leitor



Prezados Prevencionistas,

No mês dedicados a elas, aprendamos com as crianças a alegria, a sinceridade, a criatividade, mas principalmente a curiosidade.

Os porquês frequentes que buscam as respostas para tudo as faz desenvolver, mas muitos com o tempo acabam perdendo esta sede de novidades.

Neste mês voltemos a ter a curiosidade infantil e vamos aproveitar para descobrir as novidades do Jornal Segurito.

Prof. Mário Sobral Jr.

Jornal Segurito no Youtube

Com o objetivo de ter mais um canal para passar informação, ativei o Jornal Segurito no Youtube.

A proposta é fazer vídeo curtos explicando alguns temas que geram dúvida na área de Segurança do Trabalho e ao final de cada vídeo comentar um livro relacionado ao tema.

Já poste vídeos sobre PPRa, Ergonomia, Limite de Tolerância, Estratégia de Amostragem, segurança comportamental e Insalubridade.

JORNAL
SEGURITO+ YouTube



Entendendo

a Ergonomia



Neste link você consegue acessar aos vídeos:

<https://www.youtube.com/user/JornalSegurito/videos>

Faça uma visita e aproveite para se inscrever e propor sugestões de temas para os próximos programas. Estou te aguardando lá!

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho

Dicas para perícias

Sempre realizo elaboração de laudos, principalmente como assistente técnico e um dia desses tive o prazer de fazer um curso com o Professor Ivomar Mezoni, justamente sobre perícias para insalubridade e periculosidade. Vou aproveitar esta edição para passar alguns temas discutidos neste treinamento:

Acho que uma das principais mensagens passadas é de lembrarmos que o profissional de Segurança do Trabalho não é advogado. A orientação é não fazer laudos utilizando ferramentas que fazem parte do mundo jurídico, como por exemplo as súmulas. Não podemos basear um documento técnico na interpretação, por vezes subjetivas de decisões de outros processos, este trabalho de avaliar e interpretar as jurisprudências é dos advogados. Lógico que é importante sabermos qual o entendimento legal e alimentarmos o jurídico da empresa com todas as informações possíveis, mas não podemos esquecer que o laudo é um documento técnico.



Outro tema bastante discutido é referente à utilização das informações das avaliações ambientais fornecidas pela empresa, como por exemplo, os dados do PPRa. Não há dúvidas ser inconcebível um perito utilizar os dados da própria empresa para realizar seu laudo. Primeiro porque os dados podem ser burlados, mas principalmente porque não há como saber se a metodologia de avaliação foi realizada de forma correta. Se fosse apenas para coletar papel não seria preciso a realização da perícia, bastaria analisar no escritório.

Por fim, durante a perícia é comum haver divergências entre as informações do Reclamante e da Reclamada, nestas situações o perito precisa tentar um consenso entre as partes. Caso não seja possível, não pode simplesmente decidir qual parte está certa e colocar uma versão, pois quem julga é o juiz. Se não tem como avaliar quem está certo deve indicar no laudo as duas versões.

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho

Este ainda não consegui concluir, porque tem mais de 1500 páginas sobre o tema.

Só tem um problema, não está em português, adquiri em espanhol e mesmo com uma natural dificuldade na leitura é o melhor livro que eu conheço sobre o assunto.



Manual de Higiene Industrial
Fundación Mapfre
2ª Edição

BOA LEITURA!

Piadinhas

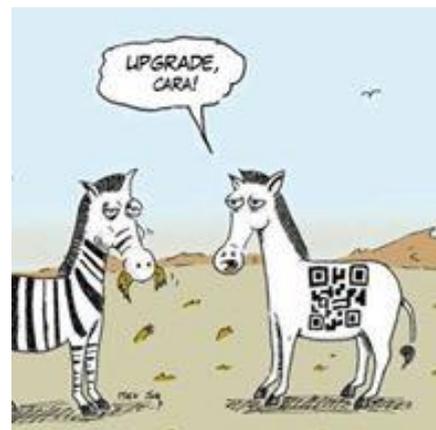
Chegaram 100 mulheres no inferno e o diabo disse: Quem já xeretou no celular do marido chegou mais perto.

Noventa e nove mulheres se aproximaram, só uma ficou. E o diabo disse: Tragam a surda também!

A vó repreende o neto: Joãozinho, por que você atirou uma pedra na cabeça do teu primo?

- Ele me beliscou!
- E por que você não me chamou?
- Pra quê? A senhora não ia acertar nenhuma...

Sem comentários



Postura profissional em sala de aula

Um alerta que sempre dou aos meus alunos é referente à postura profissional que precisamos ter desde a sala de aula.

Mas, professor! Na sala de aula ainda não estou trabalhando. De que postura profissional o senhor está falando?

Pense na última turma que você esteve como aluno, tenho certeza que mesmo sem necessariamente ter trabalhado profissionalmente com qualquer um dos demais colegas, você tinha uma avaliação de alguns que você nunca pensaria em trabalhar e outros que seriam uma excelente parceria.

Professor, o senhor está querendo que eu passe a ter um perfil de nerd?

Não, meu filho! E quem disse que este é o melhor perfil profissional? Na verdade, um nerd clássico, tem dificuldade de relacionamentos, o que é péssimo no trabalho. Além do mais, acredito que a nossa avaliação não corre exclusivamente pelos pontos positivos, mas principalmente pelos pontos negativos.

Não entendi, professor!

Por exemplo, você não pode ser o turista da sala que só aparece em dia de prova ou o que não faz nada e fica se escorando nos demais, lógico que isto não significa que você estará fadado ao fracasso, caso tenha este perfil, mas é uma situação que pode influenciar no futuro. Esta avaliação não é apenas entre os alunos, o professor também avalia os alunos. Por isso, as brincadeiras são saudáveis e as pequenas falhas são aceitáveis, mas tenha sempre em mente que sempre estamos sendo avaliados e que dependendo do nosso comportamento podemos acabar fechando antecipadamente futuras portas profissionais.

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho

Piadinhas

Lembro, como se fosse hoje, quando meu pai me deu dinheiro para eu pagar a conta de luz, eu estava indo paga-la, quando vi um sorteio de um carro, e com esse dinheiro comprei um número, voltei pra casa contei pra ele o que fiz, ele me xingou muito. no outro dia ao acordar meu pai abriu a porta de casa, e viu um carro novo parado na frente de casa, só de ver, começamos a chorar muito, principalmente eu. Era o carro da concessionária de energia cortando a nossa luz, e o meu pai de novo voltou a me xingar muito.

Você sabe me dizer de onde foi que inventaram que treinamento de NR 35 tem que ter rapel?



De acordo com a norma sobre trabalho em altura, a empresa tem no mínimo 8 horas para passar um caminhão de informações sobre o assunto.

Professor, mas se é o mínimo, as empresas podem ampliar este tempo?

Na teoria sim, mas na prática com umas heróicas exceções, as empresas estabelecem que este mínimo também é o máximo.

Mas o pior é que mesmo com o tempo reduzido, vejo dezenas de treinamento de NR

35 aplicando técnicas de rapel. Só uma pergunta: quando foi que você viu um pedreiro, um carpinteiro ou profissional da manutenção de uma indústria fazendo sua atividades pendurado por uma corda?

Professor, mas têm atividades que é necessário o acesso por cordas?

Exatamente! Têm “algumas” atividades, e para estas atividades serão contratados profissionais especializados, pois pode ter certeza que não será com parte de um treinamento de 8 horas que conseguiremos formar um profissional com esta habilidade.

Além do mais, é óbvio que precisamos focar o treinamento nas atividades realizadas na nossa empresa, para isso não devemos pagar por treinamentos enlatados e sim tentar investir em uma capacitação direcionada para os perigos específicos que o nosso trabalhador irá enfrentar.

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho

Nem sempre estamos tão protegidos

Há algumas afirmações que escutamos com tanta frequência que acreditamos ser verdade. Uma que escutei muito quando fiz a especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho e já repeti para meus alunos é relacionada a necessidade de registrar as solicitações que fazemos para a empresa e guardar documentos que sirvam de prova caso tenhamos algum problema futuro em função do padrão não ter seguido nossa recomendação.

Professor, também já escutei isto de outros professores. É mentira!?

Não, meu filho. No entanto, não é a couraça de defesa que todos acreditam ser.

Como assim, não estou entendendo?

Vamos a um exemplo: imagine que estão construindo uma caixa d'água metálica, com a possibilidade de queda de chapas. Durante esta montagem, no entorno da caixa tem alguns pedreiros concretando o piso. Você tenta interditar a área e o engenheiro da obra diz que está tudo atrasado e que os serviços têm que ser realizados simultaneamente.

Você rapidamente então faz um relatório com fotos, registra no diário da obra, além de pegar a assinatura do engenheiro e do encarregado. Depois informa aos superiores e guarda uma cópia em casa.

Mas vamos dizer que durante a atividade uma placa caia e mutila ou até mate um trabalhador. Você acha que está protegido?

Acho que sim, professor. Fiz o relatório, o engenheiro assinou, guardei a cópia. A

empresa é que matou este trabalhador.

Então, vamos continuar com o exemplo. Imagine que a família da vítima abriu um processo judicial e você é chamado para depor e vai tranquilo com todas as cópias de relatórios assinados. Mas o juiz lhe faz a seguinte pergunta: Se você sabia ser uma situação de elevado risco ao trabalhador, por que não denunciou a empresa? Por que não ligou para o sindicato ou para a SRT, mesmo que de forma anônima, já que sabia sobre elevada possibilidade de morte do trabalhador?

Lógico que é só um exemplo, mas o que eu quero deixar claro é que mesmo com toda a documentação isto não impede que o magistrado estabeleça pelo menos uma indenização.

Mas antes que você ache que eu estou dizendo que você deve denunciar a sua empresa, quero deixar claro que não é esta a minha recomendação (só em casos extremos), pois sempre lembro que se a empresa não é boa eu tenho minha parcela de responsabilidade, pois faço parte dela.

Na verdade, devemos tentar buscar argumentos para convencer que determinada situação pode trazer consequência para o trabalhador e também para as finanças da empresa. Mas se ainda assim você não conseguir, você pode começar a distribuir currículos em busca de um novo emprego.

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho



Veja os cisnes negros

Fazendo benchmarking no seu quintal

Sempre comento sobre a necessidade da padronização e da avaliação do histórico da empresa para planejar as ações futuras. Porém, precisamos estar alertas, pois nem tudo pode ser previsto por meio de estatística e nem todo histórico serve de referência para a nossa empresa.

Agora danou-se, professor! O senhor hora fala uma coisa e depois fala outra. Assim não dá!
 Calma, meu filho! É justamente a mente aberta que possibilita um maior número de soluções. Mas voltando ao tema, por que nem toda padronização pode ser considerada verdadeira?

Li um trecho do livro “A Lógica do Cisne Negro”, de Nassim Nicholas Taleb e lá encontrei um conceito interessante explicando justamente com um exemplo do tal do cisne.

Antes da descoberta da Austrália, mesmo os especialistas na área acreditavam que só existiam cisnes brancos e afirmavam, por evidências empíricas, que não existiria a versão negra desta espécie. Imagine a surpresa dos ornitólogos quando visitaram a Austrália e viram que eram algo comum no novo continente.

Professor, nem vou perguntar onde está a Segurança do Trabalho, porque já sei que o senhor irá inventar uma história deste negócio. Então, fala logo.

Meu filho, antes de tudo recomendo um suco de maracujá ou um chazinho de erva cidreira. Mas é verdade, você está certo, podemos usar este exemplo para o profissional de Segurança do Trabalho.

A moral da história é entender que não podemos nos apegar tanto ao nosso atual conhecimento.

Um exemplo simples é relacionado à nanotecnologia. Mesmo com o histórico de anos em relação a um determinado produto químico, basta mudar o seu tamanho para dimensões “nano” que todas as nossas verdades podem escoar pelo ralo.

No exemplo do livro, bastou um cisnezinho para destruir uma teoria de décadas. Então mesmo com um histórico e com dados estatísticos precisamos tomar cuidado para ter sempre os olhos abertos para não deixar passar nada, e conseguir ver mesmo na escuridão da ignorância, um cisne negro.

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho.

Podemos entender benchmarking como uma comparação em busca da melhoria de desempenho e é comum empresas utilizarem esta ferramenta, mesmo internamente.



Como assim, professor? Pensava que benchmarking fosse a visita a uma outra empresa para tentar aprender uma boa prática e tentar aplicar na nossa empresa!

Está correto, meu filho. Mas não precisa ser exatamente uma busca em outro CNPJ. Por exemplo, algumas empresas multinacionais utilizam o seguinte procedimento: quando acontece um acidente em uma das filiais, repassam o ocorrido e estabelecem ações de melhorias em todos os países.

No entanto, não precisamos nem pular os muros da nossa empresa para utilizar desta prática. Podemos conseguir melhorias mesmo no setor vizinho, seja em um procedimento, em uma planilha mais prática para o nosso plano de ação, em uma formatação mais interessante para um modelo de projeto etc.

Por isso, devemos sempre que possível, visitar outras empresas, mas também “visitar” a nossa própria empresa, mas com um olhar de “aprendedor” para aproveitar o que temos de melhor, no nosso próprio quintal.

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho

Problemas organizacionais

Com o passar dos anos, apesar dos inúmeros problemas de segurança que os trabalhadores ainda sofrem, é inegável o avanço das condições de trabalho. No entanto, este mesmo avanço que diminui as condições sub-humanas (pelo menos de grande parte dos trabalhadores) faz com que prestemos mais atenção a novos problemas, como por exemplo os decorrentes dos fatores psicossociais.

Professor, mas antigamente não tinha desta história. Meu pai sempre fala que isto é frescura.

Não é bem assim, meu filho. O problema é que antigamente os problemas que gritavam eram perda de um braço, doenças graves ou até morte, com isso os problemas da mente, além de pouco conhecidos eram deixados em segundo plano.

Ainda hoje estes problemas não são tão evidentes como acidentes e outros tipos de doenças, mas suas consequências têm impacto direto na produção da empresa, pois se apresentam pelo elevado absenteísmo, estresse, queda na qualidade etc.

Parte destes riscos são diretamente relacionados às questões organizacionais, por problemas decorrentes da falta de autonomia do trabalhador, que é visto apenas como mais uma peça da engrenagem, sendo em muitas empresas desestimulado a tomar iniciativas.

Isto traz uma condição de falta de reconhecimento e nenhuma comunicação entre empregado e empregador. Neste mesmo

paneiro podemos ter conflitos internos, pois há um ambiente de trabalho sem cooperação e uma exigência de produção de um homem transformado em máquina.

Para minimizar as consequências e as diferentes expectativas dos trabalhadores em relação às suas atividades, podemos, pelo menos tentar:

- Aumentar a participação dos trabalhadores no planejamento das tarefas;
- Evitar uma supervisão que gere pressão para obter metas irreais, os líderes precisam avaliar a real capacidade de produção, levando em consideração não apenas o número de trabalhadores, mas fatores como absenteísmo e presenteísmo;
- Criar canais de comunicação para que o trabalhador tenha informações claras e que possa também trazer informações, tendo sempre em mente que atrás de dois braços, também há um cérebro;
- Possibilitar novas aprendizagens, o que aumenta as competências do trabalhador e satisfação pessoal;
- Estudar no detalhe o real volume de trabalho em relação ao número de trabalhadores disponíveis;
- Criar formas de apoio social ao trabalhador, não apenas como suporte aos problemas externos, mas também considerando os problemas internos como as relações com os demais colegas e com a chefia.

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho

Piadinhas

O que acontece quando um elefante se apoia sobre uma pata?
 O pato fica viúvo.



Historinha do Sobral – TST e o Vampiro

Escovou os dentes com todo zelo, passou o fio dental em cada cantinho e concluiu com o enxaguante bucal. Afinal, sendo um vampiro, os dentes eram como um instrumento de trabalho.

Saiu pela noite para fazer um lanchinho e no meio do caminho encontra um jovem distraído jogando Pokémon Go. O vampiro dá um rasante e... Ploft!!! Como estava tentando economizar uma grana não atualizou o grau dos óculos e acabou não vendo a fiação elétrica dando de encontro e caindo na frente do jovem André.

André primeiro ficou assustado pensando que era uma ladrão, mas quando viu a capa, os dentes pontudos e o rosto branco como cera, pensou: “É alguma festa a fantasia, deixa eu ajudar o folião”.

Porém, o vampiro flutua como mágica e diz com olhar fixo no pescoço do André: Não se preocupe, estou bem, mas acho que agora você vai poder me ajudar muito mais.

O Jovem André, que era bem astucioso percebe que o negócio é sério, pensa rápido e fala: “Vossa Excelência Vampiresca (acho que foi um bom início de conversa), não se precipite, tenho uma proposta do seu interesse, além do mais fiz exame de sangue e está só verme (e eu que achava que verme só se via no exame de fezes, mas acho que foi uma forma de assustar, afinal ele é vampiro não é médico).

O vampiro com cara de nojo, pede para o André continuar com a proposta porque tempo ele tinha de sobra, na verdade a eternidade.

- Pois bem, excelência, sou Técnico de Segurança do Trabalho e representante de EPIs e acho que posso lhe ajudar e talvez o senhor possa me liberar da dentada. Se não é lenda, sei que o senhor tem uma dificuldade

com passeios matinais, parece que o sol lhe traz muito mais do que um bronzeado.

O vampiro impaciente, berra: Desembucha logo!!!

- Bacana, é o seguinte. Lá na empresa nós temos uma roupa para quem trabalha com fornos, material de primeira, tem CA atualizado e está na garantia.

Tenho capuz, macacão, bota, luvas e braçadeiras. E com esta proteção toda tenho certeza que mesmo ao meio dia, o senhor vai estar tão seguro, quanto se estivesse no seu caixãozinho. E se for levar o kit completo, ainda arranjo o protetor solar para usar por baixo e ter uma segurança extra.

- E onde eu posso pegar?

- Patrão, na verdade, não é do pega, não (e o André estava indo tão bem). O material completo sai por R\$ 2300,00, mas como gostei do teu estilo, deixo pelo 2000 reais.

O vampiro fica pensando: faz milhares de anos que saio à noite, as melhores festas são à noite, já estou acostumado a dormir pela manhã, não gosto de praia e essa roupa toda deve ser muito quente. Além disso, os negócios não estão indo bem e R\$ 2000,00 vai me fazer falta... Olhou de volta para o André e cravou os dentes.

Moral da história: para implantar uma cultura prevencionista, como a de fazer alguém entender a necessidade de um EPI, não ocorre do dia para noite é preciso de mais do que algumas palavras. É preciso tempo, bons argumentos e uma grande dose de paciência.

Ah, e não se preocupe com o André, hoje ele trabalha de Técnico de Segurança do Trabalho no castelo do Vampiro. Mês passado até teve eleição da CIPA e o Frankstein foi escolhido como presidente.

Autor: Mário Sobral Júnior – Engenheiro de Segurança do Trabalho

Como o FAP afeta no custo da sua empresa?

OFAP foi criado em 2003 pela Lei 10.666 e começou a dar os primeiros passos para seu efetivo funcionamento em abril de 2007, quando começam a existir e serem aplicados os Nexos Técnicos Previdenciários – NTEP. O NTEP tem impacto direto no processo do FAP, pois faz parte dos insumos que compõem o FAP.



Mas afinal o que é o FAP? O FAP é um índice que varia entre 0,5000 a 2,0000, sempre com 4 casas decimais que é atribuído a cada empresa individualmente. A partir da divulgação do FAP/2016 cada empresa/estabelecimento passou a ter um valor de FAP individual, ou seja, se sua empresa tem um CNPJ raiz com 3 estabelecimentos, cada estabelecimento com seu CNPJ completo vai ter um valor de FAP atribuído a ele. Essa nova regra beneficiou mais as grandes empresas e nem tanto as menores. Agora vamos entender um pouco como funciona o FAP.

Todo ano no dia 30 de setembro a Previdência Social divulga em seu site o valor do FAP atribuído às empresas de todo país.

Com o valor do FAP atribuído ao seu CNPJ, por exemplo, um FAP de 1,2541; este valor se multiplica pelo valor da alíquota RAT (Riscos Ambiental do Trabalho) que deve ser consultada no Anexo V do Decreto 3.048/1999. A alíquota RAT pode ser de 1%, 2% ou 3%. Mas se o valor do FAP estiver acima de 1,000 a sua empresa terá aumento de tributação e se estiver abaixo de 1,0000 sua empresa terá bônus de até 50%. O FAP pode aumentar ou diminuir o custo da folha de pagamento com relação a alíquota GILRAT. A cada ano o FAP vem melhorando sua forma de cálculo.

Autor: Filipe Costa de Oliveira – Técnico de Segurança do Trabalho.

Piadinhas

Segurinho foi o único a fazer a lição de casa corretamente.

- Muito bem, Segurinho. Mas posso saber se seu pai fez a lição junto de você?

- É claro que não, professora, ele fez tudo sozinho!

Você é linda, onde posso te ver?

Nas fotos

Mas eu queira mais de perto.

Dá zoom.

Segurito em Cast

Mais de 100 áudios sobre Segurança do Trabalho, e toda segunda e sexta novos programas. Além do Prof. Mário Sobral Jr temos diversos convidados da área prevencionista.



Acesse em <https://soundcloud.com/segurito-em-cast>